

7./05/86

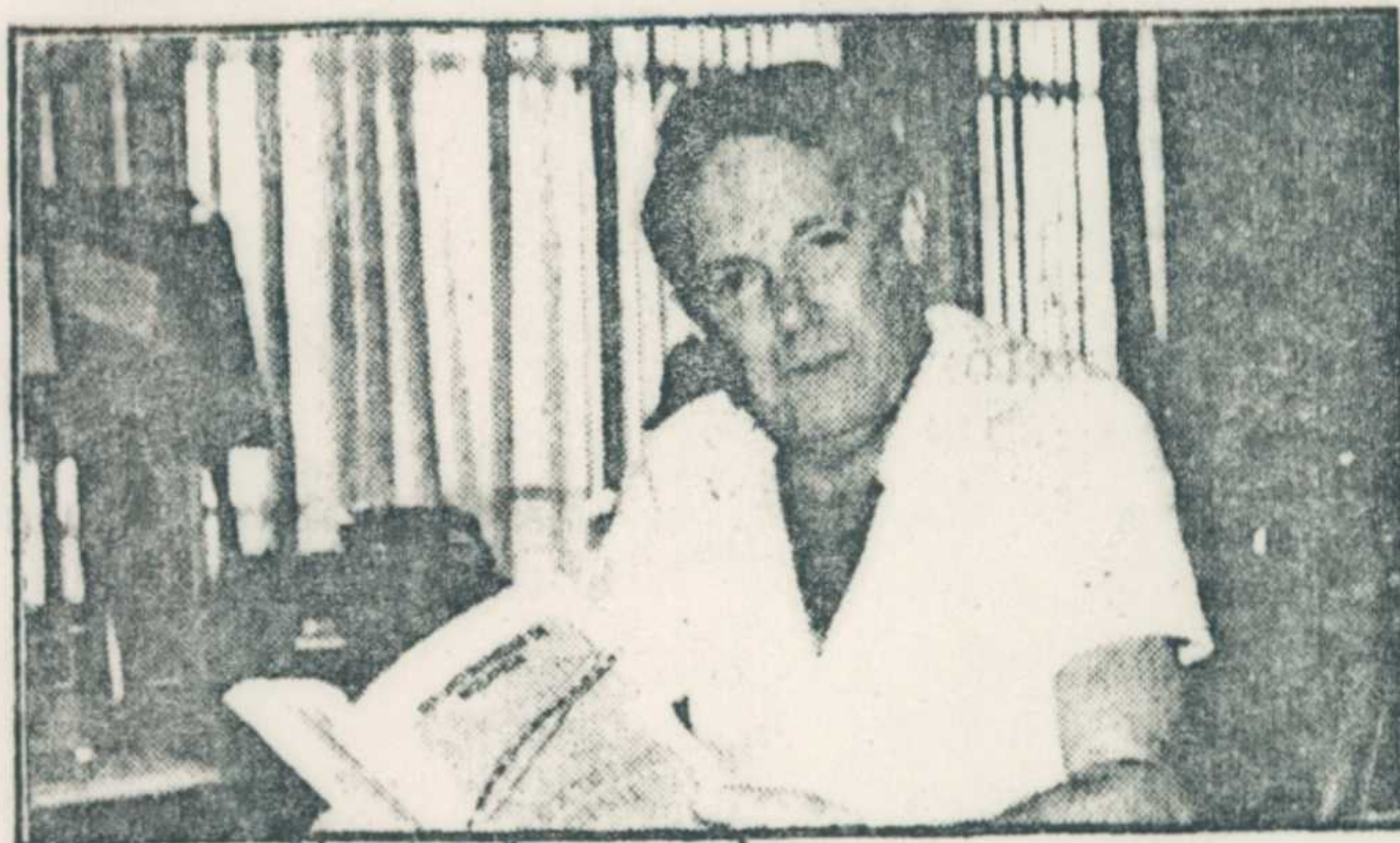
História e estilo, na retomada do tema das Monções.

436

Um livro que trata da conquista do Oeste paulista e mato-grossense, nos séculos XVIII e XIX. Na verdade, uma retomada do tema de Monções, com novos enfoques. É um livro que promete abrir novas fontes de pesquisa para o público universitário: **O Extremo Oeste**, de Sérgio Buarque de Holanda, que sai pela Editora Brasiliense em coedição com a Secretaria de Estado da Cultura.

A apresentação do texto é feita pelo secretário Jorge da Cunha Lima e a introdução é de José Sebastião Witter, que o organizou e revisou. Witter é diretor do Arquivo do Estado de São Paulo desde 77, e lá recebia a visita freqüente de Holanda. Foi seu assistente a partir de 64, mas a convivência com a família começou antes, em 59. "A nossa amizade começou no cafezinho", diz ele, lembrando dos tempos da Faculdade de Filosofia, Ciências e Letras da rua Maria Antônia, por onde também circulavam Florestan Fernandes e Fernando Henrique Cardoso, por exemplo.

Segundo Witter, Holanda começou a escrever este livro em 76, depois de ter publicado **Monções, Raízes do Brasil e Visão do Paraíso**. (Raízes (1936) é considerada sua obra-prima e foi apontado por Antônio Cândido como um dos grandes livros do século.) Sérgio Buarque de Holanda morreu em 82, sem concluir **O Extremo Oeste**. Se o tivesse feito, com certeza isso implicaria um acrés-



Witter: discípulo e amigo.

cimo de mais dois capítulos, além de uma nova conclusão sobre o tema, conforme cálculo de Witter. Mas este fato dá uma outra dimensão ao texto, que consiste na possibilidade de se conhecer, ao mesmo tempo, não só a história, mas o jeito de Sérgio Buar-

que de Holanda escrevê-la. "Ele tinha uma linha *sui generis* de fazer história, porque acima de tudo era um estilista. Ele criou uma escola que o tornou conhecido no Brasil e no mundo todo. Não escrevo bonito, escrevo certo, dizia ele", recorda Witter, que credita ao texto sua distinção em relação aos demais historiadores. E lembra que ele era muito rígido com seus assessores e discípulos nesse ponto, como Maria Odila Leite da Silva, Sueli Robles Reis de Queirós e outros.

Talves por isso Witter evitou interferir no texto, onde não se encontra a palavra bandeirante, porque, para Holanda, o movimento em direção ao Oeste foi um impulso originado pelo comércio e abastecimento, e não um heróico desbravamento: "... A verdade, escondida por essa espécie de mitologia, é que eles foram constantemente impedidos, mesmo nas suas grandes entradas, por exigências de um triste viver cotidiano e caseiro: teimosamente, pelejaram contra a pobreza, e para repará-la não hesitaram em deslocar-se sobre espaços cada vez maiores, desafiando os perigos de um mundo ignorado e talvez inimigo..."